

Tendências / Debates

Os artigos publicados com assinatura dos autores não traduzem necessariamente a opinião do jornal. Sua publicação obedece ao propósito de estimular o debate dos problemas brasileiros e mundiais e de refletir as diversas tendências do pensamento contemporâneo.

Memória e memorial

ALFREDO BOSI

Da memória diz Santo Agostinho que é o ventre da alma. Imagem forte e prenhe de sugestões: ventre onde se queima o alimento para o corpo; mas ventre também no sentido de útero, acepção que permite ao fiel recitar a Maria: "Bendito é o fruto do teu ventre". A memória vêm ter o calor das múltiplas sensações da vida e a rotina ou a aventura do cotidiano.

A memória não é pura passividade, não é mera recepção do que nos traz o mundo. É um regaço generoso onde se concebe o fruto da lembrança, que virá a ser, um dia, a voz de um passado ainda vivo. Parece que esse dia chegou ou vem chegando. Já há alguns anos sobreveio à cultura brasileira um tempo de lembrar, intenso e polifônico, cujas melodias se cruzam em nossos ouvidos mesclando tons e passagens e impondo à percepção do ouvinte a forma de uma História bem mais rica e contraditória do que suspeitavam as nossas vãs ideologias.

Há quem veja nessa explosão de textos memoriais o fôlego novo que venceu o cansaço de uma linguagem anêmica que estava diluindo o cinza do último maneirismo sobre o cinza do penúltimo vanguardismo. Reabriu-se então o ciclo exploratório do real. Em termos de estilo, um naturalismo cru de quase-reportagem veio combinar-se com um subjetivismo sem peias de escritores ansiosos por se desfogarem... Pode ser, mas a causa apontada é parcial, sem proporção com o efeito. Não se trata apenas de um câmbio de modelos narrativos; é preciso cavar mais fundo, remexendo na crise cultural e política da inteligência brasileira, pós-64 e pós-68, para descobrir as fontes dessa vontade de retomar no peito e nas mãos o processo todo de uma História que é, afinal, a história dos sonhos frustrados de mais de uma geração.

Falo sobretudo de memorialistas políticos, daqueles que vêm escolhendo expressamente o veio público da sua experiência para confessá-lo em letra de forma.

Um fenômeno que parece representar algo de novo neste surto de recordações é a precocidade com que alguns escritores contam a sua vida de militantes. A "abertura", que se esboça por volta de 76, terá favorecido talvez o empenho de trazer à luz um passado que, embora recente, corre o risco de naufragar no esquecimento dos mais novos. Ora, esquecimento e inconsciência são aliados fáceis e perigosos. Com a celeridade dos tempos, com o bombardeio de notícias e a inflação de opúsculos de duvidosa utilidade, os militantes, ainda que jovens, sentem a urgência de clarear — para os outros e para si mesmos — o sentido da sua participação na vida pública nacional. E precisam lembrar à novíssima geração que, entre 68 e 71, o Brasil vivia o ponto mais negro da ditadura e os projetos mais desesperados dos grupos clandestinos.

Depois de ter lido testemunhos de velhos lutadores (o de Gregório Bezerra, por exemplo, é estrela de primeira grandeza), é importante conhecer também depoimentos mais novos como

este admirável "Batismo de Sangue" em que Frei Betto história o episódio sangrento e misterioso da morte de Carlos Marighella.

A beleza deste livro nasce do tom sóbrio, mas nunca impassível, que o autor consegue manter em face de matéria tão sinistra quanto as torturas sofridas pelos presos políticos, ou tão trágica quanto os destinos de homens talvez distantes na fé mas certamente próximos no amor ao seu povo como Frei Tito e o líder da Aliança Nacional Libertadora.

A memória, quando trabalhada por um espírito fidedigno, tem o dom de desmascarar as versões falsas e interesseiras que os poderosos forjam para perder os seus adversários políticos. Todas as tramas que a repressão inventou para incriminar os frades de São Domingos na captura e morte daquele dirigente revolucionário se desfazem agora no pó amargo da mentira quando Frei Betto (apoiado na vigorosa defesa que Mário Simas fez dos réus em setembro de 1971) vai apontando, uma a uma, as grosseiras incoerências acavaladas no processo policial.

A medida que o leitor se inteirará do dossiê, vão crescendo as suspeitas de que o episódio do último encontro entre Marighella e os dominicanos, naquele fatídico 4 de novembro de 1969, foi uma cruel montagem na qual até a fotografia do líder caído no Volks dos frades foi composta depois da sua morte. Era necessário derrubar vários alvos numa só operação: eliminar o inimigo, desmoralizar uma força ética de contestação que brotava dos meios católicos e separar pela mútua desconfiança todos os que ainda lutavam juntos contra a ditadura.

Mas a verdade, lembra Frei Betto, é filha do tempo. Outro provérbio, também romano, diz que a verdade engendra e faz nascer o ódio (Veritas parit odium), pois quem vive nas trevas odeia a luz. A recíproca não é verdadeira: o ódio não faz nascer a verdade; antes, oculta-a para que outra seja a versão e outro o julgamento dos fatos.

Daí, a função purificadora que a memória exerce nas veias mais fundas da História limpando o que as paixões ideológicas e os rancores pessoais procuram confundir e manchar.

A memória lúcida de Frei Betto nos restituiu um dos momentos mais tensos da nossa vida política: a década de 60, quando se começavam a ouvir em surdina ou em abafada polifonia vozes de militantes saídos de áreas tradicionalmente distintas, se não opostas, da cena pública brasileira. A ordenação narrativa de "Batismo de Sangue" já nos chama para ouvi-las no contraponto que o autor soube compor entre as lutas de uma Esquerda "herética", mais antiga e calejada, e o empenho recente de alguns cristãos muito mais jovens, mas também dispostos a se queimarem no projeto de uma sociedade onde a Boa Nova não fosse mais manipulada para sustentar regimes iníquos.

A memória não purifica apenas; ela humaniza. A proximidade em que tiveram de conviver no cárcere homens da mais variada matriz ideológica deixou, nas lembranças de Frei Betto, um sulco largo de compreensão que resgata as diferenças de linha política. Ilumina estas páginas serenas um olhar cheio de respeito por todos aqueles que foram capazes de sustentar até o extremo da morte as próprias certezas, não importa se "ingênuas", "temerárias", ou, no jargão dos adversários, puramente "foquistas".

O tempo da recordação tudo abraça no seu desejo de trazer à nossa presença os nomes e os vultos dos que se foram. Neste sentido, "Batismo de Sangue" não é somente mais um livro de memórias a engrossar o fluxo de evocadores dos últimos anos: é um memorial onde se presta o mesmo tributo de honra ao malogrado líder da Aliança Nacional Libertadora e ao suicida Frei Tito de Alencar Lima, que não conseguiu afastar de si as sombras de morte projetadas pelo seu torturador.

Alfredo Bosi é professor de Literatura na Universidade de São Paulo, autor, entre outras obras, de "História Concisa da Literatura Brasileira" e "O Ser e o Tempo da Poesia".

Resposta a Marilena Chauí

JOSÉ CARLOS DIAS

Sou daqueles e dos muitos que proclamam disputar a primeira fila dos espectadores, dos leitores e, se possível fosse, dos eleitores dessa empolgante criatura que se chama Marilena Chauí, cujo discurso se harmoniza com a beleza com que Deus a dotou, para compensar as feiúras da miséria e da opressão contra as quais esta admirável mulher é guerrilheira destemida.

Em artigo de dois capítulos publicados nesta "Folha" e nesta seção, Marilena justificou a opção PT e combateu as idéias daqueles que viram em recentes pronunciamentos de petistas equívocos e erros. Como me incluiu entre os críticos de tais desvios, estimo de meu dever, até mesmo como homenagem à amiga e filósofa, dizer algumas palavras, para fazer-me mais bem entendido.

Não há como deixar de reconhecer o legítimo direito e interesse do PT em crescer como organização política, propugnadora de uma idéia, com uma prática nítida e, assim, diante dos módulos que se aglutinam na estrutura legal do sistema, disputar eleições, ainda que possa tal trabalho permitir o ganho de terreno por parte do inimigo. Mas é aí que a racionalidade deve impedir o emocional que não pode estar presente no exercício da arte política. O aguerrido líder da causa operária Luís Inácio da Silva, por ser hoje o presidente de um partido, deve se convencer de que não está à frente de um piquete de greve, a vislumbrar, em todo aquele que não entoa a sua palavra de ordem, um "fura-greves", um "lacaio do patrão", um alguém do lado de dentro dos muros da fábrica.

E foi por isso, exatamente por isso, que chamei atenção num artigo que escrevi para a página 2 desta "Folha", há alguns dias, sob o título "O equívoco de Lula", para o trabalho de muitas criaturas que se ombrearam com os operários do ABC na histórica greve de 1980, em decorrência da qual também fui sequestrado, juntamente com Dalmo Dallari e outros representantes de vários segmentos da sociedade civil. Lembrei a presença de Franco Montoro num gesto de coragem pessoal, como poderia ter citado outras lideranças políticas, como Teotônio Vilela, Ulisses Guimarães, Fernando Henrique Cardoso, Mário Covas, Alberto Goldman, Fernando Moraes, Eduardo Suplicy, Geraldo Siqueira Filho, Mário Ladeia, Flávio Bierbach e, principalmente, o prefeito Tito Costa. Estes e tantos e tantos outros, hoje no PMDB ou no PT, lá estiveram, como a Comissão Justiça e Paz, a darem o sinal de uma aliança, de apoio ao direito de reunião e de protesto da classe operária. E é, positivamente, uma insensatez esquecer-se com tanta rapidez a força e o significado de tais presenças. Não se pretende, ao contrário do que imaginou Marilena, o resgate da gratidão. Embora a gratidão não seja piegas e a ética a inclua para preservar a força das relações humanas, em momento algum se cobrou apoio em troca daquela participação na luta popular de políticos partidários. Citei o fato como alerta para que a união das oposições deva pairar, substantivamente, acima das siglas e dos próprios objetivos impostos pela prática política dos partidos. Na pregação dos programas e das plataformas, a lembrança de momentos de grandeza — que se fazem

História — deve estar presente, como são perenes os epitáfios escritos em túmulos vazios daqueles que foram mortos e só receberam pela anistia seus atestados de óbito.

Há muita dor, muita vitória, muita luta, há muitas mãos atadas que não podem se desatar só porque as eleições estão aí. Mas também é importante que se recorde e se afirme que, justamente porque as eleições estão aí, não se deve admitir a retalhação e o sectarismo, em nome de uma verdade que não tem um dono só, nem um PT como final de telegrama indialogável. A verdade das próximas eleições é uma vírgula, isto sim, um respiro.

Talvez não seja demais dizer, talvez seja até pouco lembrar, o quanto a vitória do PMDB nas próximas eleições viabilizará e dará força às oposições, porque, indiscutivelmente, terá o governo democrático de Montoro um poder catalisador das forças progressistas e empenhadas num autêntico processo democrático a verticalizar a perspectiva de participação popular.

Creio que no fundo, no âmago da espera, mais uma vez concordo com Marilena Chauí e vejo que o partido a que acabo de filiar-me, o PMDB, criará condições para um maior crescimento do PT e de todos os partidos que buscam suas raízes nas raízes do povo.

Se não sou filósofo nem cientista político, faço-me por ser, aquecido pelos argumentos de Marilena Chauí, um vocacionado com a esperança, ainda que cadenciada pelo sonho poético, de ver um dia o povo no Poder.

José Carlos Dias é advogado e ex-presidente da Comissão Justiça e Paz da Arquidiocese de São Paulo.